

Camdessus quer mudar a fama de mau do Fundo

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — A missão que Michel Camdessus se impôs é ingrata: mudar radicalmente a imagem do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Para os latino-americanos em geral, o FMI é uma espécie de bicho-papão, como dizem os brasileiros. E o novo Diretor-Executivo acha que já é hora de acabar com esta fama, que, no fundo, serve mais a tornar o FMI bode-expiatório para uso interno de políticos — diz um dos assessores de Camdessus, que assumiu o cargo há três meses.

Mais do que ninguém, esse francês de 53 anos e fama de hábil negociador sabe que a mudança de imagem implica mais do que uma simples cirurgia-plástica.

Trata-se de impor nova filosofia, que torne mais flexíveis os critérios do FMI; no momento de exigir programas de ajustes, em troca de novos empréstimos — explica o assessor.

Camdessus já começou a agir neste sentido. Primeiro, surgiu com tese nova em relação ao FMI, há duas semanas, durante a reunião do Comitê Interino, em Washington. Afirmou que os países devedores só poderão levantar o suficiente para pagar os juros da dívida externa caso consigam crescer. Advertiu que, por isto, a ênfase do FMI daqui por diante será no crescimento.

Depois, passou a tentar persuadir os banqueiros privados de que é preciso

dar aos devedores folga para respirar, e crescer. Segundo ele, dar dinheiro novo a esses países não é mais a solução. A dívida atingiu nível tão alto que não podem, ao mesmo tempo, pagar os juros e crescer.

Nos bastidores, porém, já se vem notando resistências à mudança projetada pelo economista francês. Para estas pessoas, ele peca por não ser "suficientemente enérgico".

A discussão, talvez, seja mais sobre estilo do que métodos. Todos, afinal, ainda se lembram de que o ex-diretor do FMI Jacques de Larosière era inatingível e seco. Camdessus, ao contrário, não só é afável como trata todos os seus interlocutores na segunda pessoa e, sobretudo, sabe ouvir.

É agradável você começar uma discussão e perceber que não está perdendo tempo e, sobretudo, que a decisão sobre o assunto que você discute ainda não foi tomada — diz Gilbert Lasfarques, Presidente do Banque Vernet E.T. Commerciale. — Camdessus ouve. Muito poucas pessoas, nos altos escalões, o fazem. Ou então simplesmente ouvem só aquilo que eles já pensavam.

Alto funcionário do FMI compara: — Larosière gostava de dar ordens ao seu staff, Camdessus prefere fazer consultas. Ele é extremamente aberto a opiniões, a outras idéias.

Por isto, certamente, as reuniões presididas pelo novo Diretor-Executivo do FMI costumam transcorrer num clima mais ameno. Não se nota a rigidez for-

mal e a tensão que eram de praxe.

Esse clima, na verdade, se deve a estratégia habitual de Camdessus: antes, procura conversar separadamente com alguns — e às vezes todos — os futuros interlocutores, convidando-os a almoçar ou a jantar em sua casa.

— Ele cria uma atmosfera em que se percebe que não está interessado apenas em negócios — diz velho funcionário do FMI. — Pode-se discutir muito com ele, mas no final todos saem satisfeitos: Camdessus não é rispido ou desagradável com ninguém.

O ex-Diretor-Executivo da França no Banco Mundial e no próprio FMI, Bruno de Maulde, dá mais detalhe para explicar o novo estilo que Camdessus impõe ao fundo:

— Ao tratar de determinado problema, Larosière, primeiro, encontrava a solução que lhe parecia correta e, então, tratava de vendê-la às pessoas. Camdessus, ao contrário, não começa a partir de uma solução. Leva seus parceiros a encontrar a solução por eles mesmos.

Uma das testemunhas desse estilo é o Presidente da Argentina, Raul Alfonsín, que recebeu Camdessus em meados de 1984 em Buenos Aires — quando este dirigia o Clube de Paris. Camdessus viajou com o objetivo de tentar convencer os argentinos a reestruturar sua economia para, então, chegar a um acordo com os banqueiros privados. Alfonsín ficou satisfeito ao perceber que Camdessus chegou à Casa Rosada de mãos vazias. Ou seja, não levava ne-

nhuma solução prefabricada.

Seu grande mérito profissional, segundo quem acompanha a vida de Camdessus, foi ter dado maior robustez ao Clube de Paris, numa época em que a instituição estava à beira da extinção. A ele é atribuída, ainda, a virtude da conciliação, mostrada ainda durante as situações mais tensas.

Um bom acordo é aquele em que nenhuma das partes sai totalmente feliz com ele. — diz o Vice-Presidente do Chemical Bank, de Nova York, Charles Meissner, para ilustrar o resultado habitual das disputas mediadas por Camdessus, nos últimos tempos. — Ele não é um ideólogo austero. Tem forte compromisso com o desenvolvimento econômico, e fomenta a necessidade de se trabalhar solução que seja politicamente bancada pelos devedores.

Outro banqueiro que já teve a oportunidade de negociar com Camdessus lembra outra de suas virtudes:

— Ele costuma ter êxito por ser, de fato, muito capaz e muito modesto. Você senta para conversar com ele e não fica com medo. No geral, o que acontece com outras pessoas que chegaram ao seu nível, é que elas olham para você como se você não existisse.

Pai de seis filhos, e amante da arte moderna, Michel Camdessus começa a trabalhar na transformação da imagem e do próprio papel do FMI, com o aval de vários luminares das finanças, para quem ele é a pessoa indicada para encontrar solução à atual crise dos países endividados.